

tico. Utilizando-se de marcações próprias da linguagem jornalística - entre elas o destaque em negrito dos subtítulos -, vai sublinhando o autoritarismo das personagens-tipo, como a Professora, o Administrador, o Doutor Veterinário. Esses últimos não assumem a sentença de matar o cão, mas levam os garotos a fazê-lo. As doze crianças, todas mestiças; não têm consciência de que, ao executarem o animal, assassinaem em si a própria identidade, ou seja, a face Caliban, o sujo que o asseado mundo do colonizador expurgou. O "CÃO", o "TINHOSO" são nomes que remetem ao diabo, simbolizando o lado demoníaco que, segundo Bataille, em *O erotismo*, diz respeito àquilo que coloca o ser em questão. O cachorro traz à tona os traços da identidade recalcada como algo diabólico pelos colonizadores. Graças à inocência da Isaura e do narrador, é realçada a desumanidade dos que decidiram a morte do cão. O tiro ressoa na narrativa e "hiperrealiza" a opressão praticada. Violência e transgressão erotizam o texto. O cão morre, porém deixa no ar o odor acre de suas feridas. A imagem do olhar desse cão, "um olhar de gente", como o define o narrador, agride e desacomoda o leitor, transportando-o também para as dimensões do insólito. O fantástico se instala na narrativa pelas portas do real. O tiro ecoa... Mata o cão, mas fere também o leitor, aguçando-lhe a consciência crítica.

Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco

**ALEGRE, Manuel. *Sonetos do obscuro quê*. Lisboa: Dom Quixote, 1993. 81 p.**

Quarenta e dois sonetos impecáveis e alguns pecados: o próprio "obscuro quê" de Manuel Alegre - título de um mau-gosto cacofônico imperdoável em um poeta, sem dúbidas, consciente de seu ofício - é o mais visível deles. Está na cara; isto é, está na capa. Outros, em pequenas doses, podem passar despercebidos, ou, como sucede frequentemente hoje em dia, ser aceitos como marcas do "engenho" moderno ou garantia de pós-modernidade: excessos de citações, de apropriações, de intertextualidades.

Belos, os sonetos, assim mesmo. Plásticos alguns, donos de um ritmo terso, "galopante", como se vê no primeiro quarteto de "Os cavalos de Uccello":

"Nos cavalos de Uccello anjos ou quem / de lança na batalha a cavalgá-los? / Nos cavalos de Uccello além além / nos cavalos de Uccello nos cavalos".

Outros não deixam de ser sugestivos, como o que trata do apavorante fiar de aranhas "modernas", do soneto "As aranhas":

"As aranhas. De súbito as aranhas. / O caos. As tece-deiras subterrâneas / dinossauros no ventre das montanhas / cobras saindo de erup-

ções cutâneas. // As entranhas. De súbito as entranhas. / As insânias. De súbito as insânias. / As aranhas as manhas as piranhas. / Ucrânia. Urânio. Torres. Miscelâneas."

Entretanto, estes mesmos sonetos acabam por tornar-se artificiais no culto da cadência pela cadência, da palavra pela palavra.

Densos, os sonetos. Quase todos tematizam a busca de algo que se perdeu para o poeta do mundo de hoje: a "rosa iniciática", o "doce falar materno", a "harmonia" que se foi e que Manuel Alegre teima em recuperar. Por isso, Dante, Villon, Guido Cavalcanti, Arnault Daniel, Bertran de Born, Sordello, Pound, Salvatore Quasimodo, Lorca, Jean Moulin, René Char, Rilke, Homero, Ovídio, Virgílio, João Cabral, Camões, Pessoa, Mallarmé, Rimbaud, Pessanha, Alexandre O'Neill, Ângelo de Lima, Sá-Carneiro aparecem, pontuando o discurso de Manuel Alegre com a tradição mais moderna e com a modernidade mais tradicional em poesia.

"Na minha língua há o estilo manuelino", diz o autor no soneto "A fala", e aí não há - espero - algum jogo vocabular. Talvez fosse engenhosidade demais. Manuelina é a sua linguagem por querer ser de palavra trabalhada como cristal delicado, mas resistente em sua beleza aparentemente frágil, como a da famosa janela. Mas nem sempre Manuel Alegre consegue isso, e o que

mais sobressai é a pedra no meio do caminho.

Densos, os sonetos. De uma manuelina linguagem que, diz o poeta, procura falar essencialmente da "grande dor de ser" ("Soneto dos três pintores"). Parece, entretanto que Manuel Alegre percebe os excessos de seus textos, e deles procura se desculpar, como no soneto "Provença e Toscana":

"Poesia não é só exercício / texto do texto jogo ou artifício / como se faz aí: menos que prosa".

Resistem, os sonetos. Mas às vezes falseiam o abismo de um excesso de exercício intelectual que me desagrade na poesia de hoje. Manuel Alegre cai no que Mário de Andrade, em "O artista e o artesão" chama de "o precipício da virtuosidade". A "selva selvaggia" de Dante - epígrafe à primeira parte do livro (composto em dez partes, com onze epígrafes) resulta muitas vezes, assim, em uma espécie de jardim barroco francês em que a angústia humana se solidifica na geometria de seu traçado racional. Isso fica visível na escolha dos poetas citados em todo o livro: de um lado a equipe de Pound, Mallarmé e Cabral, por exemplo; de outro, Lorca, Rilke, Rimbaud...

Densos, os sonetos, é certo. Mas, diante dos mesmos perdem-se os leitores desavisados e até os avisados também. Impecáveis, como dissemos no início. Mas não viria dessa perfeição a fragi-

lidade mesma de cada um? Não viria daí o ar de engenhosidade gratuita que confunde hermetismo de essência com obscuridade matematicamente organizada? Tírar coelhos de cartolas não transforma mágicos em magos, e esse é o problema de muitos poetas, em qualquer época.

Talvez a epígrafe principal de todo o livro devesse ter sido o verso que serve de aviso à entrada do Inferno, na comédia dantesca e divina que Manuel Alegre tanto parece amar de modo especial: "Deixai todas as esperanças, vós que entraís". Uma epígrafe a mais, em meio a tantas outras. Mas um aviso imprescindível, cheio de uma ironia que falta a Manuel Alegre e a seu quê de obscuro.

Sérgio Alves Peixoto

*DISCURSOS - Estudos de língua e cultura portuguesa*  
n. 6 (Ensino das Línguas Estrangeiras: novas perspectivas).  
Coimbra, Univ. Aberta, fev./1994.  
208p.

Fruto de uma cooperação universitária em torno da aprendizagem da língua portuguesa, este número da revista *Discursos* propõe a todos a que a língua interessa uma série de reflexões sobre práticas de linguagem e auto-aprendizado ou aprendizado à distância. Como esclarece a "Nota Prévia" a inovação maior no ensino de línguas estrangeiras

está centrada no estudante que, através de projetos, vai aprendendo a língua em questão, de modo semi-autônomo. Logicamente, tais projetos impõem a presença de novas tecnologias, capazes de criar ambientes e contextos privilegiados para a reflexão lingüística; daí a ampla utilização de programas computadorizados.

O artigo inicial apresenta o projeto ERCI (Empresas em Reuniões e Contactos Internacionais) concebido no quadro do programa LÍNGUA do Centro de Estudos de Ensino à Distância - U.A., projeto que está na base da coletânea de artigos da revista. Neste artigo, de autoria da Profa. Maria Emília Marques, são salientadas as perspectivas teóricas que orientam as aplicações práticas, ou seja: 1) Lingüística e Sociolingüística (e aí encontramos uma adaptação ou ampliação do quadro referente à atuação dos Atos de Linguagem, de Patrick Charaudeau [1984], bem como as competências comunicativas listadas por Van Ek); 2) Psicologia educacional e 3) Tecnologias da informação.

Chamamos a atenção para os itens 5 e 6 do artigo do Prof. David Halls, onde são resumidas, de forma bastante clara, a aplicação da Teoria Cognitiva da Flexibilidade e Tecnologias próprias aos sistemas hipermediáticos, capazes de desempenhar um papel eficaz para a utilização de certas estratégias de aprendizagem.